

A PRÁTICA DA DANÇA NÃO PRECISA SER OUVIDA PARA SER REALIZADA

FERNANDA CAROLINE SILVEIRA PERETTA¹; KARINA ÁVILA PEREIRA³

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – fernanda.cs.peretta1@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – karina.pereira53@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O referente trabalho tem como tema, “O amor pela dança dentro da comunidade surda”. Eu pretendo apresentar, neste texto, uma experiência de dança com a comunidade surda de Pelotas, tendo como sustentação teórica o campo dos Estudos Surdos, os quais percebem a surdez como uma diferença cultural. (LOPES, 2007)

Em 2015, eu tive a oportunidade de ser monitora voluntária na Escola Professor Alfredo Dub, local em que crianças surdas têm acesso à uma educação bilíngue. No inicio entrei na escola com o intuito de ter mais contato com a língua de sinais e conhecer a cultura surda, mas com o passar dos meses eu comecei a desejar a fazer um trabalho diferente e relevante com os alunos surdos, e acabei optando pela dança, pois era algo que eu sempre fui apaixonada e tinha tido experiências com a mesma alguns anos atrás.

No decorrer do voluntariado comentei com alguns dos professores da Escola Alfredo Dub sobre o grande interesse que eu tinha sobre a dança e um deles resolveu me ceder um horário para realizar meu voluntariado em suas aulas, que foi a professora Elisabete Castro. Ela gostaria que o grupo de alunos pudesse fazer uma apresentação dentro de alguns meses. Sendo assim, conversamos com a diretora e ela prontamente autorizou e ficou satisfeita com a proposta.

2. METODOLOGIA

As aulas com os alunos surdos foram realizadas na sede da própria escola com encontros semanais com duração de 2 horas. Durante o primeiro encontro perguntei inicialmente se eles gostavam de dançar, se sabiam alguma coisa e muitos disseram que sim. Pedi para algum deles me mostrarem o que sabiam e fiquei impressionada com tanto talento, pois muitos aprenderam através de vídeos ou através da ajuda de familiares. Logo após, a professora Elisabete traduziu para Libras as letras das músicas que eles iriam apresentar e depois eu mostrei as duas coreografias que seriam trabalhadas durante os encontros. Eles ficaram bem empolgados, porém com receio de não conseguirem aprender a tempo.

É de senso comum pensar que as pessoas surdas, por serem privadas de estímulo auditivo são incapazes de dançar. Existem muitas companhias de danças internacionais, como é o caso do DEAF CAN DANCE, uma companhia em que todos os bailarinos são surdos, mostram através de composições a arte da dança em bailarinos surdos. Pude perceber esse receio por parte dos alunos de que não conseguiram aprender a coreografia, mas através da minha determinação consegui passar confiança a eles e mostrar que eles são capazes de conseguirem aprender tudo que ensinei e muito mais. Durante as aulas os alunos que tinham muitas dificuldades recebiam ajuda dos alunos que aprendiam mais rápido. Existia, dessa forma, uma aprendizagem colaborativa entre os

alunos. Como estratégia de ensino as aulas começavam com um alongamento com musicas que tinham bastante batidas para eles sentirem as vibrações, momento em que os alunos demonstravam bastante interesse. No decorrer do processo eu os ensinava dançando junto com eles o tempo todo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as aulas consegui perceber o quanto aqueles momentos de prática com a dança fazia bem para os alunos. As músicas escolhidas para as apresentações, não tinham tantas batidas, mas isso não fazia tanta diferença para eles, pois para eles era uma grande realização perceber que estavam conseguindo acompanhar e fazer os movimentos corretamente. Todos eram muito esforçados.

No dia da apresentação todos estavam eufóricos, ansiosos pelo grande momento. A primeira apresentação era apenas com as meninas, pois eram passos mais delicados, lembrando um pouco do balé e da dança contemporânea. Na segunda apresentação era para todos, tanto para meninos quanto para meninas, a dança era estilo *street dance*. A apresentação foi incrível, tanto para eles como para quem os assistia. Eles gostaram tanto da experiência que não recusaram o convite de se apresentar no CAVG- IFSul.

Como eram as mesmas coreografias, eles estavam mais preparados e faziam os passos com mais naturalidade. Após a apresentação, havia pessoas que vieram me procurar para conversar demonstrando estarem impressionados por verem os alunos surdos dançarem tão bem. O grupo continuou a se apresentar por mais cinco vezes no ano de 2016. Infelizmente por questões de horários de conflitos com minhas aulas na graduação, não consegui desenvolver mais as atividades do voluntariado. Recebi um convite para participar de um projeto de extensão intitulado “A comunidade surda reinventando a arte do balé”, coordenado pela professora Karina Ávila Pereira do Centro de Letras e Comunicação e estou empolgada por poder retornar a escola de surdos e colaborar com meu conhecimento e experiência de dança com surdos.

4. CONCLUSÕES

Essa experiência me mostrou que a dança para ser realizada não precisa ser necessariamente ser ouvida, mas precisa ser sentida de várias formas, e no caso de alunos surdos precisa ser sentida e visualizada no corpo. Dessa forma, ela pode ser realizada através do amor pela dança, do esforço e pela dedicação dos alunos surdos.

Na continuidade das minhas atividades de dança com surdos e planejando colaborar com o projeto de extensão de balé com surdos, pretendo desenvolver uma coreografia do tipo “flash mob” é quando um grupo de pessoas pré organizadas se juntam para realizar uma apresentação em espaços urbanizados, com intuito de mostrar sua arte, que no meu caso é a dança, trazendo um diferencial na rotina das pessoas. Essa prática demonstraria se eles conseguiram ter mais agilidade para dançar sozinhos, afinal na maioria das danças eu estava guiando-os. E no “flash mob” por ser uma prática que deve ser realizada em um lugar público, sabendo lidar com quaisquer imprevistos e até por trabalhar com uma turma grande seria um desafio enorme para eles e para mim.

O que considero extremamente relevante nesta ação educacional de dança para surdos é a trabalhar na concepção de que as pessoas surdas são capazes de fazer o que elas quiserem desde que haja esforço e dedicação para alcançarem seus objetivos. É importante também pensar que não há lugares para a prática de atividade física em que as aulas sejam ministradas na língua nativa dessas pessoas, ou seja, a Libras. Dessa forma, o grupo de alunos surdos além de trabalharem com uma arte que é a dança em si, trabalham também com a promoção da saúde das pessoas envolvidas em um ambiente lingüístico acessível. Espero poder ter colaborado com a escola Alfredo Dub que gentilmente abriu as portas da escola para essa atividade e espero poder colaborar, ainda mais no projeto de balé para surdos que terão suas atividades programadas para iniciar no próximo mês.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURCIER, Paul. História da Dança no Ocidente. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HAAS, Jacqui Greene. Anatomia da Dança. Tradução Paulo Laino Cândido. Barueri, SP: Manole. 2011.
- LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- PIMENTA, Nelson. **LIBRAS – Unidade 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2008.
- KARNOOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- SAMPAIO, Flávio. **Ballet Essencial**. Rio de Janeiro: Sprint Ltda, 1994.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.